

CULTURAS JUVENIS, EDUCAÇÃO FÍSICA E OS NÓS DO COTIDIANO ESCOLAR¹

PARRELA, Galeno Criscolo²

Universidade Federal de Pelotas galenoparrelac@gmail.com;

FIGUEIREDO, Marcio Xavier Bonorino *Universidade Federal de Pelotas*

³bonorinosul@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

“AQUI SE INICIA UMA VIAGEM CLARA PARA ENCANTAÇÃO”
FERREIRA GULLAR

Os caminhos percorridos pelos jovens nos espaços do mundo contemporâneo são marcados por diferentes oportunidades na escola, trabalho, lazer e cultura que acabam por estabelecer normas para suas vidas. Os modos como utilizam os corpos, as tatuagens, piercing, brincos; bonés e arranjos nos cabelos com seus tons e cortes irreverentes; como se vestem; a música, danças, troca de olhares, cumprimentos e os espaços/tempos que dividem na escola e fora dela contribuem para enturmação com seus pares, dão sentidos para suas vidas e nos fornece pistas para a diversidade existentes entre eles. Todos os emaranhados tecidos por estes jovens nas redes de comunicação passam despercebidos e/ou ignorados pela escola, preocupada em cumprir os programas oficiais, esquecendo que “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades para sua produção ou a sua construção.” (FREIRE, 2009, p.22). A produção ou construção que não cumprir o estabelecido acaba relegada a um plano menor e fica à margem dos currículos oficiais. As manifestações culturais dos jovens expressas nas diferentes formas que se fazem presentes na escola poderiam servir de novas opções, diálogos e interação com o cotidiano escolar e a Educação Física.

Nas palavras de Dayrell (1996, p. 141):

(...) os alunos já chegam à escola com um acúmulo de experiências vivenciadas em múltiplos espaços, através das quais podem elaborar uma cultura própria, uns “óculos pelo qual vêem, sentem e atribuem sentido e significado ao mundo, à realidade onde se inserem.

A “invisibilidade” das culturas juvenis explica-se pelos olhares de alguns professores que não tendo a oportunidade de vivenciá-las quando estudantes acabam por não saberem como valorizá-las. Mesmo com todas estas barreiras, elas circulam e tem livre acesso na escola. Sendo assim procuro através deste estudo investigar como as culturas juvenis são vivenciadas e compreendidas pelos alunos no ambiente escolar tendo em vista as possibilidades e os limites de diálogo integrativo com a Educação Física.

¹ Texto elaborado a partir de dados parciais da dissertação de mestrado

² Aluno do curso de Mestrado em Educação Física/ Esef/Ufpel

³ Doutor em Educação Infantil, Professor Adjunto da Esef, Orientador do Trabalho

2 METODOLOGIA (MATERIAL E MÉTODOS)

“Eu quase que nada não sei. Mas desconfio de muita coisa”.
Guimarães Rosa.

Como nos dizeres do autor em epígrafe, apesar de não saber quase nada, mas, desconfiando de muita coisa, me desperto para o estudo de caso. Este será de natureza qualitativa no ambiente de uma Escola Pública Municipal da cidade de Belo Horizonte/MG. Baseio-me nos escritos de Bodgan e Biklen (1994, p.45 a 51) reforçados por Ludke e André (1986, p.11 e 12) que indicam o caminho quando dizem: “A fonte direta dos dados é o ambiente natural e o pesquisador o seu primordial instrumento”.

Sendo assim, a pesquisa foi desenvolvida com alunos de 14 a 16 anos, dos 2º e 3º anos do 3º ciclo (7ª e 8ª série). Eles pertencem ao matutino, são matriculados, freqüentes e fazem parte de grupos de culturas juvenis ou não, mas dentro do ambiente escolar estão sempre presentes nas manifestações apresentadas ora na dança, na música, nos seus jeitos de cumprimentar, dos arranjos nos cabelos, nos uniformes e nas marcas que trazem nos corpos através das tatuagens, piercing, brincos e outros adereços. Foram 12 (doze) alunos, sendo 06 do sexo masculino e 06 do sexo feminino, observados durante o final dos meses de maio, junho, julho e agosto de 2010, nas aulas de Educação Física, nos intervalos para troca de professores e no recreio, sempre no horário de 07h00m as 11h20m. Os grupos de capoeira, danças, grafite e atividades circenses nas segundas e quartas-feiras no horário de 18h00m as 20h00m e nos sábados de 08h30m as 11h30m. O mesmo questionário foi respondido pelos doze alunos, no seu turno e fora de suas salas de aulas e complementados por entrevistas feitas com 03 grupos de quatro alunos/as, liberado pela coordenação e professores.

A entrevista semi-estruturada segundo Triviños (2008, p.146) oferece todas as perspectivas possíveis para que o informante alcance a liberdade e a espontaneidade necessária, enriquecendo a investigação. Assim pude através de Bogdan e Biklen 1994, (apud Geertz, 1979, p.24) ir desatando os nós que encontrei pelo caminho, tendo a seguinte referência:

O trabalho de campo refere-se ao estar dentro do mundo do sujeito {...}, não como alguém que faz uma pequena paragem ao passar, mas como quem vai fazer uma visita; não como uma pessoa que sabe tudo, mas como alguém que quer aprender; não como uma pessoa que quer ser como o sujeito, mas alguém que procura saber o que é ser como ele. Trabalha para ganhar a aceitação do sujeito, não como um fim em si, mas porque isto abre a possibilidade de prosseguir os objetivos da investigação.

A experiência adquirida nessas paragens não como visita passageira, mas como integrante da comunidade onde se localiza a Escola em estudo, oportunizou-me a participação ativa, conhecendo-a nas suas alegrias, tristezas, dificuldades e as mais variadas formas de expressões, entre elas as culturas juvenis que fazem parte do contexto escolar e da pesquisa em desenvolvimento. Desse modo, a pesquisa faz uma articulação teórica permanente com a prática deste pesquisador, de modo a oferecer novos significados aos conceitos,

reflexões, vivências informações e observações garimpadas em muitos anos de “aulas a céu aberto”⁴ acompanhando o que surgir de novo no campo de conhecimento.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Como pude perceber a escola em estudo não incorpora a diversidade cultural, identidades e saberes dos sujeitos, dificultando a mobilidade nos espaços escolares e tornando uma pedra no meio do caminho destes jovens, que ora ficam intransponíveis. Nas aulas de Educação Física, quando não se joga o futebol (entre os meninos somente), joga-se a queimada ou volei (com meninos e meninas), conforme anotações do diário de campo:

O professor foi na sala onde fica o material e trouxe uma bola de vôlei e outra de futebol. Quando ele chegou com as bolas, os times para jogar o futebol já estavam prontos, e não houve interferência nenhuma na composição dos times. Assim que a bola foi deixada com eles, o jogo começou. (...) Duas meninas ficaram sentadas fazendo exercícios de matemática, outras estavam na quadra ao lado rebatendo a bola de vôlei e três ficaram sentadas na arquibancada observando os meninos jogarem. (Diário de campo, 2010, p. 06 e 07)

Com base nas anotações do diário de campo, percebe-se o descaso para com o trato dos jovens e suas culturas e prioriza os esportes hegemônicos⁵ que sempre fizeram parte destas aulas. “Por mais que o cotidiano seja expressivo da banalidade, esta não está sempre presente, ou seja, não está no vazio; há significados nisto. (...) bem como há fatos nele que delimitam espaços de resistência, de confronto entre atividades”. (TEDESCO, 2003, p.28). O diário de campo nos mostra:

(...) Quando perguntei sobre a participação na aula, disseram: “está muito frio”, “estou com dor nas costas” “machuquei meu dedo”. Este de dedo machucado estava participando da aula de capoeira na noite anterior fazendo todos os exercícios. (...) O professor disse: “Ok gente, obrigado”, recolhe as bolas de futebol, vôlei. O sinal bate todos descem para as aulas seguintes, ele guarda as bolas e dirige para a sala dos professores. (Diário de campo, 2010, p. 08)

O estar com “dor nas costas” “dedo machucado” “sentir frio” significa em não participar das aulas de futebol e queimada/volei e resistir à visão homogeneizante e estereotipada sobre o seu processo de viver. Trata-se, portanto, de compreendê-los em suas diferenças, enquanto pessoa que possui uma historicidade, com visões de mundo, sentimentos, emoções, desejos, projetos, com lógicas de comportamentos e hábitos que lhe são próprias Dayrell, (1996), e que vive e convive com outras pessoas e com tempos e espaços diferenciados no seu cotidiano.

⁴ Aulas realizadas no pátio, nas quadras, nos cantos descuidados da escola onde o sol, o vento e a chuva são nossos companheiros cotidianos.

⁵ Esportes hegemônicos são: Futebol, vôlei, handebol e basquete.

4 CONCLUSÕES

Durante esses três meses de observações do cotidiano na escola, presenciei a alegria e o entusiasmo dos jovens com seus grupos no recreio, na cantina, na circulação entre uma aula e outra, na entrada e saída e nos finais de semana onde ela fica aberta à comunidade. É notória a fluidez das manifestações culturais. Ocorre o inverso quando estão nas salas de aula, pois é “como estivessem ali exclusivamente para aprender, e mais ainda, para aprender aquilo que está nos currículos formais” (CORTI, FREITAS E SPOSITO, 2001, p. 08), existe um descompasso entre suas culturas e a escolar, esta marcada pela exigência de regras e imposições que os fazem desvestir de suas identidades para seu cumprimento

A quadra da escola é o lugar onde os jovens sentem mais a vontade, longe das amarras das salas, pois não é somente o espaço onde se pratica esporte, mas é também onde as culturas juvenis se fazem mais presentes. Analisando parte do material coletado nas entrevistas, questionários e observações, percebo que o diálogo integrativo da Educação Física com as culturas juvenis, nesta escola, fica prejudicado tendo em vista que os esportes hegemônicos dominam todo o tempo disponível e caracterizam-se por uma prática desconectada de suas expressões e pouco contribui para torná-las visível.

5 REFERÊNCIAS

- BOGDAN, C. Robert; BIKLEN, Sari Knopp. Investigação Qualitativa em Educação: uma introdução à teoria e aos métodos. Tradutores: Maria João Alvarez Sara Bahia dos Santos e Telmo Mourinho Baptista, Portugal, Porto Editora, LDA – 1994.
- CORTI, Ana Paula; FREITAS, Maria Virginia de; SPOSITO, Marília Pontes. O encontro das culturas juvenis com a escola - São Paulo: Ação Educativa Assessoria, Pesquisa e Informação, 2001
- DAYRELL, Juarez. A escola como espaço sócio-cultural. In: DAYRELL, Juarez (Org.). Múltiplos olhares sobre educação e cultura. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1996.
- FREIRE, Paulo, Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa, 40ª reimpressão São Paulo: Paz e Terra, 2009 (Coleção Leitura).
- GULLAR, Ferreira. Toda Poesia, 2ª Edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981.
- LUDKE, Menga; MARLI, Eliza Dalmaso Afonso de Andre. Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas. Temas Básicos de Educação e Ensino – São Paulo: EPU, 1986.
- TEDESCO, João Carlos. Paradigmas do Cotidiano: introdução à constituição de um campo de análise social, 2ª Edição. Santa Cruz do Sul: Edunisc: Passo Fundo: UFP 2003.
- TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 2008.
- ROSA, João Guimarães. http://www.pensador.info/autor/Joao_Guimaraes_Rosa/ acessado em 18/10/2010